

A
Espada
Luminosa

*A
Espada
Luminosa*

Por
Charles G. Coleman

Tradução
Charles David Becker

Literatura Monte Sião
Caixa Postal 241
18550-970 Boituva – SP

Fone: 015 3264 1402

www.lmsdobrasil.com.br

e-mail: info@lmsdobrasil.com.br

2009

A Espada Luminosa

©1956 por Loizeaux Brothers, Inc.

© Renovado 1984 por Charles G. Coleman

foi publicado originalmente no inglês sob

o título *The Shining Sword* pela

por Loizeaux Brothers, Inc. EUA

e traduzido para o português pela

Publicadora Menonita

C.P. 105

75901-970 Rio Verde – GO

com autorização expressa e exclusiva da

Loizeaux Brothers, Inc.

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS

Nenhuma parte desta edição pode ser uti-

lizada ou reproduzida em qualquer meio

ou forma — seja mecânico, eletrônico ou

mediante fotocópia, gravação, etc. — nem

apropriada ou estocada em sistema de

banco de dados, sem a expressa autoriza-

ção da Publicadora Menonita.

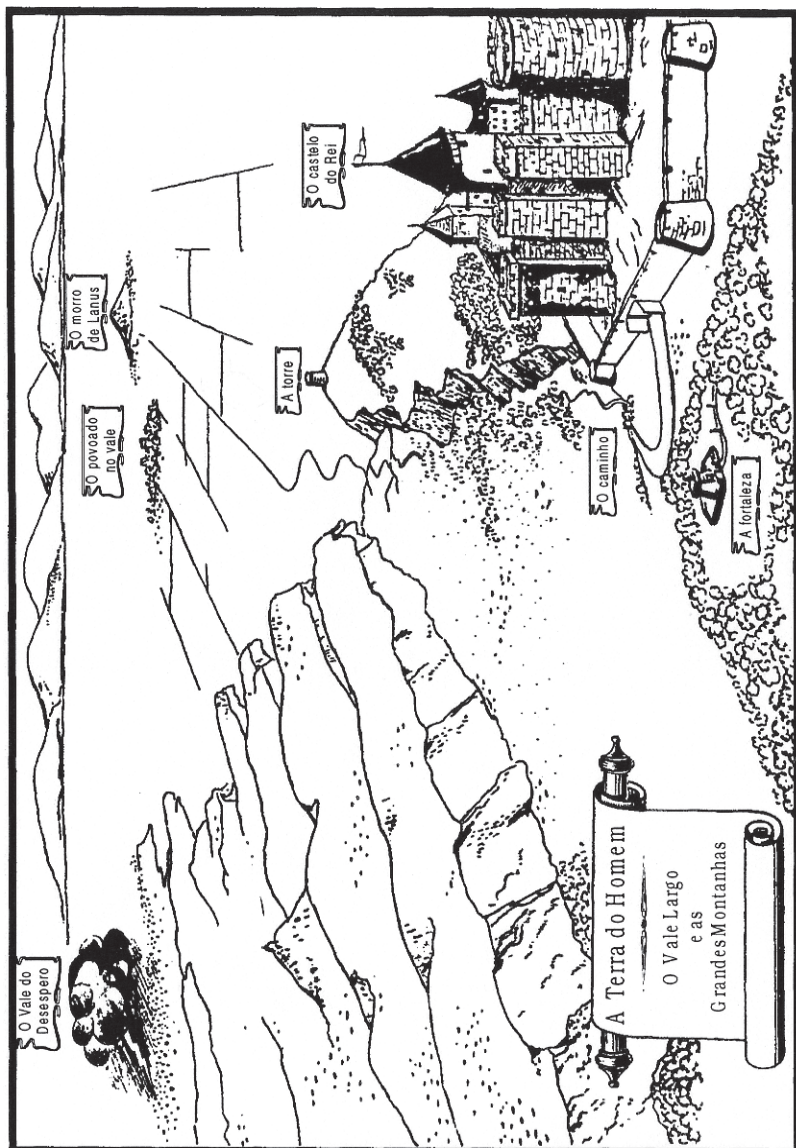
Esta edição de A Espada Luminosa

foi publicada pela

Literatura Monte Sião

com autorização expressa da

Publicadora Menonita



O Vale do Desespero

O morro de Lanus

O povoado no vale

A torre

O castelo do Rei

O caminho

A fortaleza

A Terra do Homem

O Vale Largo e as Grandes Montanhas

Índice

Capítulo 1	O Mensageiro do Rei	9
Capítulo 2	Uma luta no caminho	19
Capítulo 3	O castelo	27
Capítulo 4	O Livro	37
Capítulo 5	Tempestades e trevas	43
Capítulo 6	A armadura do Rei	53
Capítulo 7	Destacado para a fortaleza	61
Capítulo 8	A ponta da espada	69
Capítulo 9	A fenda na rocha	77
Capítulo 10	O vale do desespero	87
Capítulo 11	A batalha na ponte	95
Capítulo 12	A história de Jamin	105
Capítulo 13	A grande luta de Wavor	111
Capítulo 14	Voltando ao vale	119
Capítulo 15	A chamada da trombeta de prata	127
Capítulo 16	Pelo Rei!	133
	O desafio	143



Capítulo 1

O mensageiro do rei

Olhando para baixo, vemos uma paisagem ensolarada e tranquila. Nós, você e eu, estamos num pequeno morro coberto de grama. O sol da primavera está deixando nossas costas e braços quentinhos. Uma brisa suave acaricia nosso rosto. O morrinho fica no meio de um vale chamado Vale Largo. De onde estamos dá para ver as lavouras, os povoados e os pastos que se estendem ao leste e ao oeste até uma grande colina de montanhas, levantando-se no horizonte.

Este vale é chamado de Vale Largo por seus habitantes e fica na terra do homem. Não procure este lugar no mapa, pois não o encontrará. Viemos aqui porque este vale e estas montanhas fazem parte do cenário da história que quero contar, a história do povo que mora nesta terra. Você descobrirá – tenho certeza – que é um povo semelhante ao povo que mora em seu país, quem sabe, em sua própria comunidade.

Não muito longe de onde estamos, na grama em cima do morro, há um rapaz de uns 18 anos. Ele está deitado na maior tranquilidade, sua cabeça apoiada no braço, como se fosse um travesseiro. Preguiçosamente ele olha as lavouras. Ele está bem à vontade. Há muito serviço nas lavouras, mas isto não o incomoda. Para ele não há nada melhor do que passar a tarde toda deitado ao sol quente.

Lamento em dizer, mas este rapaz tem poucas das qualidades que gostamos de ver em nossos amigos. Mesmo assim, somos obrigados a conhecê-lo, pois uma porção de coisas interessantes irão lhe acontecer. Seu nome é Lanus. É um dos principais personagens desta história. Venha comigo até onde ele está deitado, pois assim que ele se mexer, a nossa história vai começar.



Lanus bocejou, levantou a cabeça e deu uma boa olhada no sol durante alguns instantes. Já estava de tardezinha e por isso estava quase na hora de descer o morro, caso quisesse chegar no povoado em tempo para o jantar. Ficou mais alguns instantes vigiando o vale, acompanhando o movimento de algumas manchas pretas nas lavouras verdes. Na realidade cada uma destas manchas pretas, como Lanus sabia, era um homem. Bobos aqueles sujeitos, ele pensou, de trabalharem que nem escravos nas lavouras, e mais ainda numa tardezinha tão linda e gostosa, quando também poderiam estar deitados na grama fofa.

Como você já percebeu, Lanus era preguiçoso. Ele era um rapaz alto e forte que não enjeitava uma competição de luta livre ou a oportunidade de ir nadar, mas que começava a ficar doente só de pensar em trabalhar. Depois que seus pais morreram, sua vida perdeu o sentido. Andava à toa, só trabalhando quando não havia outro jeito, dormindo nas cocheiras dos vizinhos à medida que vagueava de uma fazenda para outra. Ele não era bem visto pelo povo do Vale Largo. Mesmo assim gostavam de lhe dar serviço, pois não havia ninguém que trabalhava por um salário menor do que ele. Muitos destes vizinhos eram homens bondosos que lhe davam uma refeição e um lugar de dormir na cocheira.

De repente Lanus percebeu um movimento diferente no vale embaixo. Alguém vinha subindo pelo caminho que passava ao pé do morro. Quem estaria passando por um lugar ermo desses? O estranho começou a subir o morro,

caminhando para onde Lanus estava. Dava para ver que tinha o cabelo loiro e que usava uma capa de viagem, abotoada de cima a baixo. Mas havia algo neste sujeito que não lhe era estranho. Conhecia alguém que andava daquele jeito – mas quem? Nisso se lembrou. Deu um pulo e foi descendo o morro com longos passos para encontrar o estranho. Dando um forte aperto na mão do outro, gritou:

— Robin! Que milagre! De onde você vem?

— Olá, Lanus.

O rapaz loiro sorria calorosamente enquanto abraçava seu amigo. Ele era um rapaz gordinho, quase da altura de Lanus. Seu rosto radiava sinceridade e satisfação. Depois de se saudarem, Lanus perguntou:

— Robin, mas por onde você andou? Você deixou o povoado há mais de um ano, bem quando todos achavam que iria começar a trabalhar em seu próprio sítio. O povo ainda comenta a sua saída.

Robin ficou sério.

— Tive um ano maravilhoso, Lanus. Um ano muito maravilhoso. Gostaria de conversar com você sobre isso. Mas antes disso tenho algo mais importante a fazer.

Ele colocou sua mão no ombro de Lanus.

— Tenho uma mensagem para você.

— Como assim?

— Eu vim cá para nós conversarmos, Lanus. Trouxe um convite para você.

— Um convite? De quem?

— Um convite do rei!

Sem entender mais nada, Lanus olhou longamente para seu amigo.

— Você está doido, Robin? Nós não temos rei neste vale. Inclusive, não aceitamos rei. Somos um povo independente.

Esta última frase ele disse com certo orgulho, como faziam todos daquele vale.

Com um sorriso triste, Robin balançou a cabeça negativamente.

— Você está errado, Lanus. Há um Rei, um Rei bom,

todo-poderoso e sábio, do qual o povo deste vale já se esqueceu. É ele quem vigia e protege este vale, e no entanto ninguém o reconhece. Ninguém lhe agradece.

Agora foi a vez de Lanus ficar bem sério, pois aquilo que Robin estava lhe dizendo era novidade.

— Por acaso você conhece este Rei, Robin?

Com voz orgulhosa, Robin afirmou:

— Eu o conheço. Conheço-o e uso seu uniforme!

Desabotoando sua capa de viagem, abriu-a para o amigo ver. Os olhos de Lanus se arregalaram quando viu o reflexo do sol no aço polido de sua armadura. Era linda. Os ombros de Robin estavam protegidos por uma cota de malha e seu peito por uma couraça de aço. Chapas de ferro protegiam seus quadris e coxas. De um lado, pendurado em seu cinto havia um capacete prateado, e do outro, uma espada com cabo de prata. Por cima de seus ombros dava para ver a parte superior de um escudo que levava às costas.

Lanus assobiou baixinho.

— Gente, agora vi tudo! Robin! Sabe de uma coisa? Eu já ouvi falar neste tipo de armadura. Parece que nas montanhas há uma tribo bem estranha com uma religião esquisita que veste essas roupas. Não é possível...

Dava para notar um traço de escárnio em sua voz:

Não é possível que você agora faça parte de um grupo desses!

Robin fez que sim com a cabeça.

— É sim. É justamente onde estive durante este último ano. Eu sei que o povo do vale acha graça, mas pode crer Lanus, é a única vida que vale a pena.

Lanus se mostrou duvidoso:

— Bem, Robin, sei que você é uma pessoa sensata, que não se deixa levar por ideias bobas. Quem sabe você tem a razão. Gostaria de ouvir alguma coisa sobre tudo isso.

Com um sorriso feliz, Robin exclamou:

— Ótimo! Sente-se e deixe-me contar a história toda.

Robin sentou-se na grama. Lanus, bem ao tipo dele,

deitou-se de costas e começou a morder numa folha de capim.



Robin começou:

— Há um ano eu trabalhava com seu Hanno, um fazendeiro que mora ao norte do nosso povoado. Era um sujeito bom e me pagava um bom salário. Gostava de trabalhar na lavoura ao ar livre. Esperava fazer economias para algum dia comprar um sítio próprio.

“Mas não estava totalmente feliz. Nem eu entendia por que me sentia assim, pois não havia nada que eu quisesse mais do que um dia ter minha própria fazenda aqui no vale. Mas quando via todos os problemas, o descontentamento e as doenças ao meu redor, ficava incomodado. Com tudo isso, como era possível ser realmente feliz? Mesmo as pessoas ricas e bem-sucedidas na vida pareciam ter problemas. E sempre, em todo lugar no vale, havia atritos e brigas entre as pessoas. Foi naquele ano, como você deve se lembrar, em que estourou uma guerra entre alguns dos povoados...”

— Ainda tem gente brigando — interrompeu Lanus, agora bem pensativo e ainda com a folha de capim na boca.

Robin continuou:

— Eu me perguntava por que não podíamos viver em paz sem egoísmo, brigas e guerras. Embora ninguém deseje estas coisas, parece que elas vêm assim mesmo. Fui perguntar aos sábios do meu povoado o que provocava todos estes males. Cada um tinha uma resposta diferente. Alguns diziam que a natureza humana era assim mesmo. Outros diziam que a humanidade ainda não evoluiu ao ponto de saber lidar com estes problemas. Outros ainda me diziam que era problema de governo, que precisávamos de outro tipo de governo. Na realidade ninguém sabia responder à minha pergunta.

“À noite, depois de um dia de serviço, costumava passear debaixo das estrelas, tentando descobrir o porquê de tudo isso. De onde veio o mal? Começou com quem? Por que coi-

sas ruínas aconteciam em nosso vale? Às vezes, enquanto eu andava assim, olhava para as montanhas altas que rodeiam este vale. Se eu estivesse no cume de uma destas montanhas, olhando para baixo, eu pensei, talvez eu pudesse ver as coisas com mais clareza. Quem sabe, lá em cima o ar fosse mais puro. Se de um lugar destes pudesse ver o vale todo, talvez chegasse a compreender o verdadeiro significado da vida.

“Todas as noites eu pensava nestas coisas. Comecei a sentir um desejo profundo de subir a uma destas montanhas e ver o vale lá de cima. Fiquei com vergonha de contar a meus amigos o que estava pensando. Tinha medo deles rirem de mim. Ninguém do vale jamais escalara uma destas grandes montanhas.

“Resolvi ir sozinho sem contar nada a ninguém. Foi assim que um dia quando não havia nada urgente a fazer, me levantei cedo, pedi à dona da casa que preparasse um lanche para mim e parti para as grandes montanhas. Deixei o povoado para trás, caminhando para o leste. Mas chegando a determinado lugar no sopé da montanha, parecia que meus pés queriam mudar de rumo. Era quase como se alguém segurasse em minha mão e me guiasse. No pé da montanha, fiquei surpreso ao ver, bem à minha frente, um caminho estreito, e pelo jeito, bastante movimentado. Parecia que uma voz me dizia que era por ali que devia subir.

“Parecia que este caminho tinha uma atração magnética. Entre mais que subisse, mais forte eu ficava. Quase perdia o fôlego só de ver as novidades em cada volta do caminho. Havendo caminhado mais ou menos a metade da distância, vi que o caminho entrava numa floresta bem fechada. Comecei a ter dúvidas, se devia realmente deixar que a atração magnética me levasse por entre as sombras escuras das árvores. De repente vi um homem sentado no tronco de uma árvore caída à beira da floresta. Parece que no mesmo instante o homem me viu. Levantou-se e veio ao meu encontro.

“Ele estava usando uma armadura igual a esta que estou usando agora. Ele sorriu e com voz amistosa me cumprimentou: ‘Olá, Robin. Estou aqui esperando por você’.

“Vendo a minha surpresa, ele sorriu mais ainda e disse: ‘Você está querendo saber como sei o seu nome e como fiquei sabendo que vinha por este caminho. Afinal, você não contou para ninguém, não é isso?’ Quando balancei a cabeça, ele continuou: ‘Não sou eu, Robin, mas o meu Mestre é quem sabe de tudo isso. Ele me mandou aqui para encontrá-lo e conduzi-lo a seu castelo!’

“Mas quem é seu mestre e como é possível que ele me conheça?” perguntei.

“Meu Mestre é o Rei dos reis e o Senhor dos senhores. Seus olhos enxergam tudo, vendo o bem e o mal. Você não pode se esconder dele, Robin. Há muitos meses ele o está chamando. Vamos até o castelo, pois ainda fica bem longe daqui’.

“Como se fosse num sonho, fui seguindo meu guia pelo meio da floresta. Andamos durante muito tempo, subindo, passando por grandes rochas, até finalmente chegarmos a um muro alto no cume da montanha. Uma porta se abriu e entramos no castelo do Rei.

“Naquele castelo, Lanus, pela primeira vez obtive as respostas a minhas perguntas. Apreendi o significado do bem e do mal. Descobri por que há tantas guerras no vale e por que há tanto ódio e morte. Encontrei a única vida que vale a pena. Fiquei no castelo, Lanus, porque não senti qualquer desejo de voltar para o vale. Fiquei e tornei-me um soldado do Rei!”



Robin parou de falar. Depois de alguns momentos, Lanus perguntou:

— E você viu o Rei, Robin?

Com voz reverente Robin respondeu:

— Nunca o vi, Lanus, pois os olhos humanos não conseguem enxergá-lo. Mas eu o conheço. Conheço-o através do Livro que ele escreveu e através da espada que carrego. Eu o conheço porque ele me guia. Ele me mostra por onde eu devo andar. Lanus, ele quer que você o conheça também.

Ele está chamando você, assim como ele chama a todos no Vale Largo. Ele quer que você venha a ele e viva.

“Ele disse: *‘Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá’*. Este, Lanus, é o seu convite”.



Durante alguns momentos os dois rapazes ficaram sentados em silêncio. O sol da tarde começava a esconder-se atrás das montanhas, varrendo o céu com os primeiros raios vermelhos do crepúsculo. Lá no alto um gavião enorme voava silenciosamente rumo ao sopé da montanha, onde passaria a noite. Quando Lanus finalmente falou, sua voz denunciava a admiração que sentia no coração. Ele disse:

— Palavras estranhas estas do seu Rei e no entanto são poderosas. Você realmente crê que tudo isto que me contou é verdade?

— Do fundo do meu coração — foi a resposta simples de Robin.

Bem pensativo Lanus disse:

— Talvez eu aceite o seu convite. Gostaria de passar um dia com você neste castelo e ver com meus próprios olhos aquilo que mudou a sua vida.

— Ótimo. Você está pronto para partir?

— Agora?

Lanus fitou seu amigo com ar surpreso. De repente riu:

— Robin, você não perde tempo. Está certo. Não tenho compromisso algum no vale esta noite e tenho a certeza de que ninguém sentirá a minha falta. Se você estiver pronto, eu também estou!



Capítulo 2

Uma luta no caminho

Os dois desceram o morro, e com Robin na frente, caminharam para o leste, atravessando o vale rumo a um pico alto nas grandes montanhas. De início o caminho os levou por entre lavouras, mas depois de andar por duas horas, começaram a passar por grandes campinas, cada vez mais longe da civilização. Uma vez pararam à margem de um riacho apenas para comer pão e queijo que Robin trouxera num embrulho debaixo de sua capa, para em seguida continuarem sua viagem. Por ser de tardezinha, o tempo era fresco e bonito. Os dois amigos tiveram muitos assuntos para conversarem. Lanus contou a Robin todas as novidades do vale. Também fez muitas perguntas ao amigo sobre sua vida de soldado do Rei. O tempo todo observava Robin para determinar o que havia mudado em sua vida. Robin de fato estava bem mudado. Lanus não teve qualquer dificuldade em perceber isso. Ele estava mais maduro, mais firme, e...sim, mais feliz. Disso não havia dúvida. Este Robin era um Robin novo, um Robin melhor.

Logo depois de escurecer, a lua saiu, iluminando o caminho quase como se fosse dia. Estavam se aproximando das primeiras colinas. À sua frente estava uma montanha cujo sopé se estendia até o vale. Robin e seu amigo atravessaram as colinas para em seguida subir a montanha. Era o fim das

conversas, pois era preciso conservar o fôlego para a subida. Ao chegarem a uma floresta fechada, onde o luar penetrava apenas em alguns lugares, Robin parou, colocou seu capacete, ajeitou seu escudo e desembainhou sua espada. Em seguida, com Lanus no encalço, continuaram avante pela floresta escura.

Na escuridão das árvores, Lanus ficou surpreso ao descobrir que o caminho à sua frente era iluminado por uma luz estranha. Demorou alguns momentos para compreender que procedia da espada que Robin segurava à sua frente como uma tocha. Não era como se a espada pegasse fogo, mas em volta dela havia uma luz suave e constante que iluminava tudo ao seu redor.

Foi assim que continuaram sua viagem, seguindo o caminho tortuoso, ora no meio de muita vegetação rasteira, ora rodeando árvores gigantes que sumiam de vista na escuridão, ora beirando grandes rochas. Mas o tempo todo estavam subindo. As pernas de Lanus estavam ficando cada vez mais cansadas. Sua respiração tornara-se ofegante, mas o passo de Robin não diminuía. Não querendo dar a impressão de ser mole, Lanus cerrou os dentes e continuou sua caminhada.

Ao passarem perto de uma rocha gigantesca, cuja face subia verticalmente a um lado do caminho, Lanus olhou para a floresta negra do outro lado. O que ele viu fez com que prendesse a respiração. A poucos passos de distância havia uma clareira. Iluminado no meio pelo luar, dava para ver um riacho com as margens carpetadas de grama. Para Lanus, cansado e sedento de tanto andar, aquela grama o convidava mais do que qualquer cama. Como seria bom descansar apenas um minuto ou dois! Descansar um pouco não teria nada demais.

Lanus parou e pediu:

— Robin, pare só um pouquinho, por favor. Quero ir até aquele ribeiro e tomar água, está bem?

Antes de terminar de falar, já estava saindo do caminho por onde andavam.

Como um raio, Robin parou ao seu lado. Gritou:

— Não! É uma armadilha! Volte para o caminho, Lanus, enquanto puder!

Lanus parou, indeciso. Naquele mesmo instante ouviu-se um uivo agudo, semelhante ao som de um vento alto, vindo do escuro. Robin se jogou na frente do amigo e gritou:

— Fique atrás de mim, Lanus! Atrás!

Robin levantou bem alto a sua espada, e por sua iluminação, Lanus viu um vulto enorme movimentar-se debaixo das árvores. Ele tentou voltar ao caminho, mas escorregou e caiu. Foi aí que ouviu Robin gritar corajosamente:

— Em nome do Rei!

Olhando para trás, viu seu amigo numa luta feroz com duas criaturas monstruosas, cujos corpos pareciam humanos, que usavam armadura preta e agora tentavam feri-lo com suas espadas.

Lanus não era um rapaz covarde. Vendo seu amigo em apuros, pegou um pau pesado que achou no chão. Correu até o monstro mais próximo e acertou o pau nele com toda força. Imagine a surpresa do rapaz quando percebeu que a criatura preta nem sequer sentiu a paulada!

Sem tirar os olhos de seus adversários, Robin gritou:

— Afaste-se! A única coisa capaz de derrotar estes monstros é a minha espada. Volte para o caminho enquanto eu os afasto.

Lanus virou e com a ajuda do pau que ainda segurava na mão, conseguiu voltar ao caminho. Com um grande esforço, Robin conseguiu afastar seus adversários alguns passos. Enquanto eles tentavam recuperar o equilíbrio, Robin virou e deu um pulo para o caminho. Lanus estendeu a mão e o ajudou a firmar seus pés, bem no mesmo instante em que os monstros o alcançaram.

Encostado à rocha, sem poder fazer nada, Lanus assistiu a uma luta feroz. Robin, com os pés firmes na beira do caminho, repeliu repetidas vezes o avanço de seus inimigos. Para Lanus tudo parecia ser um pesadelo. O uivo do vento enchia seus ouvidos, embora não sentisse vento algum. Por cima do ombro de Robin, ele conseguiu ver os rostos

terríveis das criaturas, com as bocas abertas em rosnados ferozes. Viu seus ombros maciços por cima de seus escudos pretos. Lanus perdeu a conta da quantidade de vezes que tentaram subir para o caminho, para na última hora serem impedidos pela espada relampejante. Durante quanto tempo Robin aguentaria?

Aproveitando uma retirada momentânea do inimigo, Robin tirou de debaixo de sua capa uma pequena trombeta prateada e tocou uma nota aguda e penetrante. Ao verem a trombeta, os monstros recuaram durante alguns instantes, para logo em seguida atacar com uma nova fúria. Alguns momentos depois – o que para Lanus pareceu ser horas – ouviu-se de longe uma trombeta tocando em resposta. Houve uma luminosidade no alto da montanha. No meio desta luz deu para ver alguns homens armados. A luz de suas espadas iluminava a floresta escura. À medida que estes homens se aproximavam, os dois atacantes sumiram pelas sombras da floresta. O uivo estranho acabou. Lanus ficou surpreso ao constatar que a clareira e o riacho não existiam mais. No seu lugar havia apenas trevas. Robin estava apoiado em sua espada, arquejando de cansaço, quando a equipe de resgate chegou. O soldado encarregado da missão, um homem alto e musculoso, deu uma ordem rápida e alguns dos soldados desceram o barranco e se esparramaram, investigando as sombras debaixo das árvores com suas espadas.

Dirigindo-se a Robin, o comandante disse:

— Parece que chegamos aqui em cima da hora. Vocês não sofreram nada?

Robin fez continência e sorriu:

— Não senhor. Aqui tudo bem.

Pegando no braço de Lanus, o apresentou:

— Comandante, quero apresentar Lanus, meu amigo do tempo em que morava no vale.

Olhando para Gayne, disse:

— E este é Gayne, um dos comandantes da nossa comunidade.

Gayne deu um aperto caloroso na mão de Lanus.

— Viemos da torre que fica mais para cima assim que soubemos que vocês se encontravam em apuros. Ultimamente o inimigo tem nos estorvado bastante e para falar a verdade, estávamos esperando que alguma coisa desta natureza acontecesse.

Virando para Robin, disse:

— Vejo que você está mais descansado agora, Robin. Vamos voltar para o castelo. Se demorarmos aqui, o inimigo pode voltar com reforços.

Bem depressa o pequeno grupo se formou para marchar, com Lanus e Robin no meio. Daí a pouco saíram da floresta ao chegarem no cume da montanha. À esquerda havia um muro alto de pedra que fazia parte de um grande castelo, no qual se via torres e parapeitos. Tudo indicava que os vigias estavam esperando a sua chegada, pois ao aproximarem-se do muro, ouviu-se um barulho metálico do lado de dentro e a grande porta reforçada com chapas de ferro se abriu. Ao entrarem, o luar iluminou uma inscrição lapidada nas pedras acima da porta:

Batei, e abrir-se-vos-á.

Enquanto Lanus se perguntava se isto era outro ditado do Rei, o grupo foi atravessando um gramado para chegar na entrada do castelo propriamente dito. Depois de passar por um corredor bem comprido, Lanus se encontrou numa sala grande, bem iluminada, com teto arqueado. No meio desta sala havia muitos homens e mulheres sentados em volta de uma mesa comprida de madeira de carvalho. Robin levou Lanus até a cabeceira da mesa onde um homem de aspecto bondoso com cabelos brancos se levantou para cumprimentá-los.

Respeitosamente, Robin disse:

— Olá, Latta. Quero apresentar meu amigo Lanus, que veio nos fazer uma visita.

O homem idoso disse:

— Muito bem, Robin. Você foi bem-sucedido em sua missão.

Olhando para Lanus disse:

— Jovem, seja bem-vindo à nossa casa. Há lugar para vocês dois nesta mesa. Devem estar com fome depois de uma jornada daquelas. Depois de terminarem de jantar, Robin o levará para seu quarto.

Os dois rapazes se sentaram e comeram com vontade. O gosto da comida era diferente de todas as demais comidas que Lanus conhecia, mas era delicioso. Depois Robin o levou para um quarto num dos andares superiores do castelo. Embora pequeno, o quarto tinha conforto. Apesar das agitações daquela noite, depois que Robin o deixou, dentro de cinco minutos estava dormindo.